

## RECORDAÇÕES DO ESCRIVÃO ISAÍAS CAMINHA: ENTRELAÇAMENTO DE AUTOBIOGRAFIA E MEMÓRIA NA OBRA FICCIONAL DE LIMA BARRETO

**Renilda Mara Florencio<sup>1</sup>**

**RESUMO:** Este trabalho faz uma leitura de *Recordações do escrivão Isaías Caminha*, de Lima Barreto como romance autobiográfico, em que as lembranças do narrador–personagem estabelecem paralelos com a biografia do autor. Simultaneamente, o narrador traça um instigante painel cultural e político do Rio de Janeiro, do início do século XX. À luz dos conceitos desenvolvidos por Philippe Lejeune, em *O pacto autobiográfico*, sobre a escrita do “eu”, e Wander Melo Miranda, em *Corpos escritos*, sobre a delicada relação entre memória e autobiografia, ressalta-se o caráter memorialístico do romance. Examina-se também a crítica veemente que Lima Barreto faz dos vícios de uma sociedade hipócrita e preconceituosa, como alguém que sofrera visceralmente a dor da miséria, da doença, da solidão e do preconceito.

**Palavras-chave:** Lima Barreto. Ficção autobiográfica. Crítica social e política.

**ABSTRACT:** This work analyzes Lima Barreto’s novel *Recordações do escrivão Isaías Caminha* as an example of autobiographical fiction, in which the recollections of the character-narrator establish parallels with the author’s biography. Simultaneously, the narrator depicts an arresting cultural and political panorama of Rio de Janeiro at the beginning of the XX century. With the support of Philippe Lejeune’s concepts of autobiography and related genres in “The autobiographical pact” and Wander Melo Miranda’s studies about the permeable borders between memoir and autobiography, in *Corpos escritos*, the novel’s characteristics of memoir are emphasized. It examines further Lima Barreto’s vehement indictment of a hypocritical and biased society, from the standpoint of someone who had personally experienced the suffering of poverty, illness, solitude and prejudice.

**Keywords:** Lima Barreto. Autobiographical fiction. Social and political criticism.

---

1 - Professora de Língua Portuguesa no Colégio Militar de Curitiba, Mestre em Teoria Literária pelo Centro Uni versitário Campos de Andrade. Trabalho orientado pela professora Mail Marques de Azevedo. renilda.florencio@gmail.com

## INTRODUÇÃO

“Sonhei-me um Capitão Nemo, fora da humanidade... sem ligação sentimental alguma no planeta, vivendo no meu sonho, no mundo estranho que não me compreendia.”  
(Lima Barreto, *Diário do hospício*)

Sob a alcunha de “romancista da primeira república”, Lima Barreto foi um crítico veemente da vida carioca de seu tempo. Em seus textos, não se limitou a denunciar a mediocridade arrogante da burguesia recém-nascida, mas recriou o panorama social da existência miserável dos subúrbios, demonstrando a árdua luta pela sobrevivência daqueles que ficavam à margem de uma sociedade, cujos valores se baseavam no dinheiro e na aparência. Esteticamente, prevaleceu em sua obra o realismo crítico de cunho popular, não se submetendo o autor aos padrões impostos pela elite literária.

Afonso Henriques de Lima Barreto nasceu no Rio de Janeiro, em 13 de maio de 1881. Mulato, de família muito pobre, ficou órfão de mãe aos sete anos. Estudou no Colégio Paula Freitas, onde também se preparou para a Escola Politécnica na qual ingressou em 1896. O escritor abandonou, porém, o curso de engenharia em 1903, um ano depois de seu pai ser recolhido a um asilo de alienados. Assumiu, então, a responsabilidade da família, empregando-se como amanuense na Secretaria de Guerra.

O escritor enfrentou muitas dificuldades para publicar sua obra, redigida num estilo brasileiro e impregnada de tipicidades do linguajar carioca. Seu primeiro livro, *Recordações do escrivão Isaías Caminha*, objeto de análise deste trabalho, foi publicado apenas em 1909, depois que um amigo do autor, Antônio Noronha Santos, levou os manuscritos para Lisboa. O próprio Lima Barreto relata, em um de seus diários, o tempo de angústia e indecisão que antecedeu a publicação do *Recordações do escrivão Isaías Caminha*.

16 / 07 / 1908

“Tenho um livro (trezentas páginas manuscritas), de que falta escrever dous ou três capítulos. Não tenho ânimo de acabá-lo. Sinto-o bêster, imbecil, fraco, hesito em publicá-lo, hesito em acabá-lo.” (LIMA BARRETO, 1956, p. 136)

Alcoólatra, Lima Barreto fora internado por duas vezes no Hospital Nacional para tratamento psiquiátrico. Parte dessa cruel experiência está relatada em seu *Diário do Hospício*, no qual expõe a fragilidade de um homem marcado em sua condição de negro, pobre e doente, estigmas estes impressos em toda sua produção literária ficcional, que deixa entrever forte tom autobiográfico. Lima Barreto morreu aos 41 anos, minado pela doença que o arrastara à miséria e ao descaso social. Este trabalho pretende apresentar uma leitura do romance *Recordações do escrivão Isaías Caminha*, especificamente da trajetória do narrador–personagem que, ao relatar recordações dos anos de juventude passados no Rio de Janeiro do início do século XX, traça um instigante painel cultural e político daquela época.

O tom autobiográfico da obra se evidencia, à medida em que o leitor reconhece na história de vida do narrador a biografia do autor. Autobiografia disfarçada de romance, nele Lima Barreto faz uma crítica veemente da mediocridade e da hipocrisia de uma sociedade conservadora e preconceituosa, cujo desprezo sofreu na própria pele, o que confere à obra um caráter memorialístico. O autor escreve de maneira clara, como quem presta um depoimento com um único objetivo: a denúncia de um tempo repleto de atribulações. Sua postura não é de mero espectador, mas de alguém que sentira na própria carne a dor da solidão, do preconceito e da miséria humana que perpassa a narrativa.

## **DESCONSTRUINDO A NARRATIVA: OS ELEMENTOS DO TEXTO**

Buscando fazer, primeiramente, uma abordagem sistematizada do texto, serão analisados os principais elementos que estruturam a narrativa: enredo, personagens, tempo e espaço. Tal procedimento metodológico conferirá à análise proposta maior aprofundamento teórico das questões que se referem à prosa narrativa.

### **ENREDO**

Isaías Caminha é um menino pobre, mestiço e provinciano, que fora

iniciado nos estudos pelo pai, homem de poucos conhecimentos. Com a morte do pai, a situação financeira da família torna-se ainda mais difícil e, em companhia da mãe, mulher simples e resignada, vai morar na casa dos tios. À medida que o tempo passa, o desejo de partir para o Rio de Janeiro, a capital federal, em busca de uma vida melhor, se intensifica. Recebe, então, o apoio do tio que usa seus contatos políticos na cidade, para lhe conseguir um emprego.

Fortalecido pelo sentimento de esperança em concretizar seus sonhos juvenis, o adolescente parte abençoado pela mãe que, em suas últimas palavras, adverte-o para que não se exponha muito, pois certamente sofrerá preconceito, humilhação e perseguição.

(...) ela deu-me um forte abraço, afastou-se um pouco e olhou-me longamente, com aquele olhar que me lançava sempre, fosse em que circunstância fosse, onde havia mesclados terror, pena, admiração e amor.

- Vai, meu filho, disse-me ela afinal. Adeus! ... E não te mostres muito, porque nós...(LIMA BARRETO, 2002, p. 28)

Os contatos iniciais com a cidade grande se encarregariam de dissipar aos poucos suas ilusões. O encontro com as primeiras pessoas no novo ambiente põe a nu um mundo de aparências, de oportunismos e de indiferença. A situação se agrava quando o suposto protetor de Isaías, doutor Castro, mostrando-se indiferente ao seu pedido, se recusa a ajudá-lo.

A falta de dinheiro, de experiência e de maturidade lançam o personagem à própria sorte. É preso por suspeita de roubo, vende seus livros para pagar as diárias de um cômodo e se alimenta apenas quando não mais suporta a fome.

Graças a um jornalista, Gregoróvitch, a quem é apresentado quando chega ao Rio, é levado para a redação do jornal *O Globo*.

No cargo de contínuo, tem condições de manter a pensão e a comida. Tal circunstância é suficiente para que o narrador deixe os sonhos e ilusões do

passado e se recolha numa atitude subserviente que, no entanto, lhe garante a sobrevivência. A partir de então, será uma espécie de observador passivo do sucesso de seus companheiros de jornal, julgando-se superior ao resto da humanidade por circular entre seres afamados pela inteligência, talento e prestígio social.

Quase sem ser percebido pelos colegas, o mundo de Isaías passa a ser o das notícias e emendas, das tiras, dos elogios encomendados, da projeção de falsos heróis e da bajulação dos poderosos.

Sua condição de contínuo muda quando Isaías surpreende o dono do jornal, Loberant, numa noitada de orgia e este, temendo desmoralizar-se, transforma-o em repórter, posição a que Isaías almejava e julgava ser uma promessa grandiosa de seu brilhante destino.

Ao final da narrativa, o narrador confessa a impossibilidade de realização enquanto ser humano, pois suas fraquezas morais somadas às contingências da vida transformaram-no em um parasita, cujos sonhos e aspirações adormeceram para sempre.

(...) Sentia-me sempre desgostoso por não ter tirado de mim nada de grande, de forte e ter consentido em ser um vulgar assecla e apaniguado de um outro qualquer. Tinha outros desgostos, mas esse era o principal. Por que o tinha sido ? Um pouco devido aos outros e um pouco devido a mim. (...) (LIMA BARRETO, 2002, p. 167)

## **PERSONAGENS**

Os personagens que transitam pela narrativa podem ser divididos em dois grupos distintos, restritos a determinado tempo e espaço ficcionais.

O primeiro grupo é composto pelas figuras do pai, da mãe, dos tios e do coronel que apadrinha o jovem Isaías. Traços físicos e psicológicos desses personagens, que povoam o início da narrativa, são apresentados de maneira superficial na voz do narrador–personagem que se detém somente na

descrição da figura da mãe, recorrente ao longo de toda a narrativa.

Minha mãe ia e vinha de um quarto próximo; removia baús, arcas; cosia, futejava. Eu devaneava e ia-lhe vendo o perfil esquelético, o corpo magro, premido de trabalhos, as faces cavadas com os molares salientes, tendo pela pele parda manchas escuras, como se fossem de fumaça entranhada. De quando em quando, ela lançava-me os seus olhos aveludados, redondos, passivamente bons, onde havia raios de temor ao encarar-me (...) (LIMA BARRETO, 2002, p. 27)

O segundo grupo é formado pelas pessoas que Isaías conhece ao chegar à capital, as quais ilustram uma galeria de tipos sociais medíocres e vazios que estão em posição de poder e têm como motivação exclusiva usufruir os benefícios e as vantagens dessa posição. Os personagens que compõem o ambiente de trabalho freqüentado por Isaías são descritos com bastante precisão. Vejamos alguns deles:

Ivã Gregoróvitch Rostóloff: redator poliglota que se diz formado em línguas orientais e Exegese Bíblica; trabalhou em vários países e é considerado por Isaías a “artilharia de *O Globo*”.

Ricardo Loberant: proprietário de *O Globo*, homem autoritário e exigente com seus funcionários; temido pelos políticos por atacá-los, de acordo com suas conveniências, nas páginas de seu jornal.

Legorace: secretário do jornal, completamente submisso ao proprietário, mas arrogante com seus subordinados; era considerado uma sumidade em literatura e jornalismo, embora não gostasse do que fazia.

Floc: respeitado como grande literato, acaba por suicidar-se para fugir da farsa que era sua vida.

Veiga Filho: colaborador do jornal, é considerado um romancista de precioso vocabulário e de aparência artificial.

Ao focalizar alguns grupos representativos da elite da sociedade carioca da virada do século, jornalistas, políticos e “bacharéis” em geral, o narrador secundariza as questões subjetivas iniciais, imprimindo à obra um caráter memorialista.

## **TEMPO**

Com o intuito de compreender o momento presente, o jornalista Isaías Caminha, já em idade outonal, resgata as lembranças de sua infância e juventude, caracterizando o tempo psicológico da narrativa. As reminiscências, fixadas na memória e reelaboradas na consciência, ganham significado na voz do narrador– protagonista que, ao lançar seu olhar sobre o passado, não esconde a angústia que perpassa sua existência no presente.

Escrevendo estas linhas, com que saudades me não recordo desse heróico anseio dos meus dezoito anos esmagados e pisados! Hoje... É noite. Descanso a pena. No interior da casa, minha mulher acalenta meu filho único. A sua cantiga chega-me aos ouvidos cheia de um grande acento de resignação (...) Volto às minhas reminiscências: vejo o bonde, a gente que o enchia, os sofrimentos que me agitavam, a rua transitada. (LIMA BARRETO, 2002, p 55-56)

O relato é entrecortado por momentos em que o narrador-jornalista expõe ao leitor suas dúvidas e anseios em relação à obra que está nascendo no presente atual do narrador.

Despertei hoje cheio de um mal-estar que não sei donde me veio. (...) Por que não estou satisfeito? Não sei. E quem o poderá saber! (...) Penso não sei por quê – que é este meu livro que me está fazendo mal... E quem sabe se excitar recordações de sofrimentos, avivar as imagens de que nasceram não é fazer com que, obscura e confusamente, me venham as sensações dolorosas já semimortas? Talvez mesmo seja angústia de escritos, porque vivo cheio de dúvidas, e hesito de dia para dia em continuar a escrevê-lo. Não é o seu valor literário que me preocupa; é a sua utilidade para o fim que almejo. (LIMA BARRETO, 2002, p. 64-65)

A busca dum tempo perdido, cujo resgate só lhe seria possível pela renúncia do tempo cronológico, do presente, e de todas as realidades concretas, faz com que o personagem reviva todas as suas mazelas, pois recordar é a suprema e única forma de libertação.

## ESPAÇO

Ao relatar sua história, o protagonista Isaías Caminha percorre um espaço geográfico que transmuda do provinciano para o urbano. Empregando a estratégia de começar a narrativa pelo final, o narrador recua ao tempo e espaços de sua infância ao descrever, em traços ligeiros, sua casa, sua cidade e locais de suas primeiras reminiscências: “(...) De noite, no teto da minha sala baixa, pelos portais, pelas paredes, eu via escrito pela luz do lampião de petróleo – Doutor! Doutor!” (2002, p. 27).

Na ânsia pela glória, pelo título de “doutor”, que iria alcançar quando fosse embora, a importância de sua cidade natal era diminuída: “(...) nas proximidades de uma cidade de terceira ordem (...)” (2002, p. 28).

Mas, ao chegar à cidade grande, as decepções e sofrimentos do protagonista renunciavam-se na paisagem. O narrador risca na paisagem a metáfora de seu estado de alma cambiante.

Quando saltei e me pus em plena cidade, na praça para onde dava a estação, tive uma decepção. Aquela praça, inesperadamente feia, fechada em frente por um edifício sem gosto, ofendeu-me como se levasse uma bofetada. Enganaram-me os que me representavam a cidade bela e majestosa (...) (2002, p. 31)

E é nessa cidade, o Rio de Janeiro do início do século XX, que o jovem provinciano Isaías sofrerá a dor da perseguição, da rejeição e do preconceito racial, levando a vida entre o jornal *O Globo*, a boêmia e o subúrbio, sem raiz em qualquer grupo social ou político definido.

O ambiente do jornal é descrito como escola viva de experiência do mundo.



O que observei neles, no tempo em que estive na redação do *O Globo*, foi o bastante para não os amar, os imitar. São em geral de uma lastimável limitação de idéias, cheios de fórmulas, de receitas, só capazes de colher fatos detalhados e impotentes para generalizar, curvados aos fortes e às idéias vencedoras (...) (2002, p. 65)

A condição de mestiço, humilde, interiorano e seus percalços para integrar-se na vida da capital, que se moderniza a passos largos, a rotina do jornal, com toda a sua galeria de tipos beirando a caricaturas, enfim, o clima de fatuidade e subserviência que se respirava na imprensa e nos círculos literários da *belle époque* carioca – tudo são indícios do valor documental que está impresso nesse primeiro romance de Lima Barreto.

## **AUTOBIOGRAFIA E MEMÓRIA – A FIGURA DESNUDA DO EU**

Em “O pacto autobiográfico”, Philippe Lejeune define autobiografia como “relato retrospectivo em prosa que uma pessoa real faz de sua própria existência, com ênfase em sua vida individual e, em particular, na história de sua personalidade” (1986, p. 50).

Segundo Lejeune, para que um texto seja considerado autobiográfico, é necessário que a identidade do autor, do narrador e da personagem coincida. No caso de um nome atribuído a uma pessoa fictícia dentro da obra não se trata de autobiografia e sim romance autobiográfico, texto de ficção em que o autor nega ser o personagem. Está assim instaurado o pacto romanesco.

Em *Recordações do escrivão Isaías Caminha*, Lima Barreto, o autor, apresenta um texto introdutório ao romance – “Breve notícia” – anunciando-o como sendo da autoria de seu amigo Isaías Caminha que o escrevera há dez anos. O autor se autodenomina procurador de Isaías. Pode-se afirmar que Isaías Caminha escreve na 1ª pessoa um romance – denúncia. Lima Barreto, por sua vez, é o narrador – onisciente, a 3ª pessoa, que endossa esse depoimento e encarrega-se de publicá-lo. Seriam, assim, dois focos narrativos distintos.

Ao reconhecer na história de vida do protagonista da narrativa dados diversos da biografia do autor, o leitor vê-se diante de um romance de conteúdo autobiográfico que se mescla à mais livre invenção romanesca. No entanto, o caráter memorialístico que impera na obra fica por conta da narrativa de Isaías, o personagem criado pelo autor Lima Barreto para dar voz a sua história pessoal.

Segundo Wander Melo Miranda, memória e autobiografia não ocupam territórios nitidamente demarcados: “O mais comum é a interpenetração dessas duas esferas e, quase sempre, a tentativa de dissociá-las é devido a critérios meramente subjetivos ou, quando muito, serve de recurso metodológico (...)” (MIRANDA s/d, p. 36)

Memorialismo e autobiografia são formas de autoconhecimento através da escrita. No caso da autobiografia, o eu autoral é também objeto da narrativa; para o memorialismo, o objeto da narrativa é aquilo que foi observado pelo eu autoral.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS: DOR E RESIGNAÇÃO EM *ISAÍAS CAMINHA***

Quando da publicação de *Isaías Caminha*, o crítico José Veríssimo apontou algumas “falhas” na obra referindo-se a seu exacerbado caráter personalista, que daria ao texto um valor efêmero; o texto só interessaria aos contemporâneos do autor. No entanto, ao constatar o lugar de destaque conferido a Lima Barreto no panorama da literatura brasileira, pode-se verificar a fragilidade de tal afirmação.

O conjunto de sua produção revela intensas experiências pessoais e sociais que foram transformadas em romances, contos, crônicas, ensaios e memórias, textos marcados por extrema lucidez e profunda mordacidade.

Criticado por padecer de um número demasiado de referências pessoais, que o teriam impedido de ascender ao nível da ficção, o romance permanece

não só por seu valor documental, fonte rica de dados para a história social e cultural do Rio de Janeiro no começo do século XX, como também por conter o desabafo de um homem singular que ousou arrebentar amarras e mostrar as chagas de seus iguais para uma sociedade imersa na indiferença.

## **REFERÊNCIAS**

BARRETO, Lima. **Diário íntimo**. Editora Brasiliense. São Paulo. 1956

BARRETO, Lima. **Recordações do escrivão Isaías Caminha**. São Paulo: Editora Ática, 2002.

LEJEUNE, Philippe. **El pacto autobiográfico y otros studios**. Trad. Ana Torrent Madrid: Megazul – Endymion, 1986

MIRANDA, Wander Melo. **Corpos escritos**. São Paulo. Edusp, s/d

PRADO, Antônio Arnoni. **Lima Barreto**. Seleção de textos, notas, estudos biográfico, histórico e crítico. 3.ed. São Paulo: Nova Cultural, 1990.